
PHILIP

○ TEMPO DESCONJUNTADO

K DICK

Philip K. Dick

○ TEMPO DESCONJUNTADO

Tradução
Braulio Tavares



Copyright © 1959 by Philip K. Dick
Copyright renovado © 1987 by Laura Coelho, Christopher Dick e Isa Dick

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
Time Out of Joint

Capa e projeto gráfico
Celso Longe

Ilustração de capa
Deco Farkas

Preparação
Mariana Delfini

Revisão
Renato Potenza Rodrigues
Érica Borges Correa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dick, Philip K., 1928-1982.

O tempo desconjuntado / Philip K. Dick ; tradução
Braulio Tavares. — 1ª ed. — Rio de Janeiro : Suma, 2018.

Título original: Time Out of Joint.

ISBN 978-85-5651-066-2

1. Ficção científica norte-americana I. Título.

18-14648

CDD-813.0876

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção científica : Literatura norte-americana 813.0876

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/editorasuma

instagram.com/editorasuma

twitter.com/Suma_BR

1

Victor Nielson saiu do frigorífico, nos fundos do supermercado, empurrando um carrinho cheio de batatas da safra de inverno até a seção de alimentos. Despejou-as no cesto quase vazio, e conferia uma em cada dez, em busca de cortes ou manchas. Uma batata grande escapuliu de sua mão e ele se abaixou para apanhá-la. Ao fazer isso espiou na direção das caixas, das estantes cheias de balas e cigarros e das portas de vidro que davam para a rua. Alguns pedestres passavam na calçada, e viu do lado oposto da rua o reflexo do sol no para-lama de um Volkswagen que saía do estacionamento.

— Era minha mulher? — ele perguntou a Liz, a texana exuberante que operava o caixa.

— Não que eu saiba — disse ela, enquanto registrava duas caixas de leite e um pacote de carne moída. O senhor parado junto ao caixa enfiou a mão no paletó, buscando a carteira.

— Ela ficou de passar aqui — disse Vic. — Me avise quando ela aparecer.

Margo tinha combinado de pegar Sammy, o filho de dez anos, para ir fazer um raio X no dentista. Como era abril, época de pagar o imposto de renda, as reservas deles estavam baixas, e ele temia as consequências do exame.

Sem querer esperar mais tempo, foi ao telefone público perto da gôndola de latas de sopa, pôs uma moeda e discou.

— Alô — respondeu a voz de Margo.

— E então, você levou ele?

Margo respondeu, agitada:

— Tive que ligar para o dr. Miles e remarcar. Na hora do almoço lembrei que hoje é o dia em que devo ir com Anne Rubenstein levar a petição para o Departamento de Saúde. Temos que entregar isso hoje, porque os contratos já estão sendo emitidos, pelo que ficamos sabendo.

— Que petição é essa?

— Para obrigar a prefeitura a limpar aqueles três terrenos baldios com alicerces de casas antigas. Ali onde as crianças brincam depois da aula. Aquilo é perigoso. Está cheio de arames enferrujados, lajes de concreto quebradas, e...

— Não podem mandar isso pelo correio? — ele interrompeu, mas por dentro estava aliviado. Os dentes de Sammy não cairiam até o mês seguinte, não havia nenhuma urgência em tratar deles agora. — Quanto tempo vocês vão demorar? Quer dizer que não vou ter carona para casa?

— Eu não sei — respondeu Margo. — Escute, querido. Estou com a sala cheia de mulheres aqui, estamos verificando os últimos detalhes para incluir na petição. Se não der para ir pegar você, eu te ligo lá pelas cinco. Tudo bem?

Depois que desligou, foi até o caixa. Não havia nenhum cliente para atender, e Liz tinha acendido um cigarro para aproveitar aqueles minutos. Ela sorriu para ele, seu rosto pareceu se iluminar.

— Como está o seu garoto? — perguntou.

— Está bem — disse ele. — Provavelmente aliviado porque não vai mais ao dentista.

— Eu tenho um dentista bem velhinho, um doce de pessoa — arrulhou ela. — Deve ter uns cem anos. Não me machuca nem um pouco, cutuca um pouquinho e pronto. — Repuxando o lábio com um dedo, a unha bem vermelha, ela mostrou uma obturação em ouro num dos molares superiores. Ele sen-

tiu um bafo de cigarro e canela quando se inclinou para olhar.
— Está vendo? Bem grande, e nem doeu. Nem um pouquinho!

O que será que Margo diria, pensou ele, se ela cruzasse essa porta que se abre automaticamente quando a gente chega perto e me visse espiando dentro da boca de Liz. Flagrado praticando um erotismo da última moda, não registrado no Relatório Kinsey.

Àquela hora da tarde a loja estava quase deserta. Em geral havia uma fila de clientes para passar no caixa, mas não naquele dia. Era a recessão, concluiu Vic. Cinco milhões de desempregados em fevereiro daquele ano. Está começando a afetar os negócios. Indo para a porta da frente, ele ficou avaliando o movimento na rua. Não havia dúvida. Menos gente do que o normal. Todo mundo em casa, conferindo as economias.

— Vai ser um ano ruim para os negócios — disse ele a Liz.

— E por que você se preocupa? — perguntou ela. — O mercado não é seu. Você só trabalha aqui, como todos nós. E não é tanto trabalho assim. — Uma cliente começou a colocar itens de alimentação no balcão do caixa, e Liz começou a registrar um por um, enquanto continuava a falar com Vic. — De qualquer modo, não acho que vá haver nenhuma depressão. É só conversa dos democratas. Estou cansada de ouvir os democratas dizerem que a economia vai quebrar, esse tipo de coisa.

— Você não é democrata? — perguntou ele. — Lá do Sul?

— Não sou mais. Desde que me mudei para cá. Este é um estado republicano, então eu sou republicana. — A máquina registradora retiniu e a gaveta abriu automaticamente. Liz começou a colocar as mercadorias num saco de papel.

Do outro lado da rua, em frente à loja, a placa do American Diner Café o lembrou do cafezinho de todas as tardes. Talvez este fosse o melhor momento. Falou para Liz:

— Volto daqui a dez minutos. Pode segurar a barra sozinha?

— Ah, claaaro... — disse Liz com alegria, enquanto os dedos

contavam o troco com rapidez. — Você vai agora, e depois saio eu e compro algumas coisas de que estou precisando. Pode ir.

Com as mãos nos bolsos, saiu da loja e parou no meio-fio para esperar uma brecha no trânsito. Nunca ia até a faixa de pedestres: sempre atravessava bem no meio do quarteirão, diretamente para o café, mesmo que tivesse que ficar esperando vários minutos. Era uma questão de honra, um componente da masculinidade.

No balcão do café, ele ficou mexendo a xícara preguiçosamente.

— Um dia paradão, hein — disse Jack Barnes, o vendedor de sapatos da Samuel's Men Appareil, trazendo a xícara para se sentar perto dele. Como sempre, Jack tinha um ar murcho, como se tivesse passado o dia inteiro suando e cozinhando dentro da camisa e das calças de náilon. — Deve ser o clima — continuou ele. — Bastam uns diazinhos de primavera e o pessoal começa a comprar raquetes de tênis e fogareiros para acampamento.

Vic trazia no bolso o livro do mês do Clube do Livro. Ele e Margo tinham se filiado anos atrás, na época em que deram entrada numa casa e se mudaram para aquela vizinhança que dava grande importância àquelas coisas. Puxando o livro, ele o colocou em cima do balcão, girando-o para que Jack pudesse ler a capa. O vendedor de sapatos não demonstrou interesse.

— Entre para um clube de leitura — disse Vic. — Faz bem para a cabeça.

— Eu leio livros — disse Jack.

— Sim. Aqueles livrinhos de bolso que você compra na Becker's Drugs.

Jack disse:

— É de ciência que este país precisa, não de romances. Você

sabe muito bem que esses clubes do livro só propõem aqueles romances sobre cidades pequenas onde acontecem crimes sexuais e toda a sujeira sobe para a superfície. Não acho que isso seja ajudar a ciência americana.

— O Clube do Livro também publica a *História* de Toynbee — disse Vic. — Você pode muito bem ler isso. — Ele ganhara esse título como brinde. Embora não tivesse terminado de ler, reconhecia que era uma grande obra literária e histórica, que valia a pena ter na estante. Continuou: — De qualquer modo, por piores que sejam alguns livros, não são tão ruins quanto aqueles filmes de sexo para adolescentes, sobre corridas de carros, filmes do tipo James Dean e tudo o mais.

Movendo os lábios enquanto lia, Jack olhou o título do livro do clube.

— Romance histórico — disse. — Sobre o sul. Época da Guerra Civil. Eles continuam empurrando esse tipo de coisa. Essas senhorinhas sócias desses clubes não se cansam de ler isso a vida inteira?

Vic ainda não tinha tido tempo de examinar bem o livro.

— Nem sempre eu compro o que eles oferecem — explicou. O livro em questão era *A cabana do Pai Tomás*. De uma autora de que ele nunca ouvira falar: Harriet Beecher Stowe. A contracapa elogiava o livro, dizendo que era uma denúncia corajosa do tráfico de escravos da época anterior à Guerra Civil no Kentucky. Um relato honesto sobre as práticas sórdidas a que eram submetidas as jovens negras indefesas.

— Uau — disse Jack. — Acho que vou gostar desse aí.

— Não dá para saber pelo que diz na contracapa — disse Vic. — Todo livro hoje em dia é elogiado assim.

— É verdade. Neste mundo ninguém age mais baseado em princípios. Olha para os anos de antes da Segunda Guerra Mundial e compara com agora. Veja que diferença. Não havia tanta desonestidade e delinquência e obscenidade e drogas por toda parte. Garotos arrombando carros, essas rodovias e

essas bombas de hidrogênio... e os preços subindo. Como o preço que vocês das lojas e mercadinhos cobram pelo café. É terrível. Para onde vai esse dinheiro todo?

Ficaram discutindo a respeito disso. A tarde foi passando, devagar, preguiçosamente, e nada ou quase nada aconteceu.

Às cinco horas, quando Margo Nielson pegou o casaco, as chaves do carro e saiu de casa, Sammy não estava por perto. Brincando por aí, sem dúvida. Mas ela não teve tempo de procurá-lo, tinha que buscar Vic logo, ou ele iria pensar que ela não estava a caminho e pegaria o ônibus para casa.

Ela voltou correndo para dentro de casa. Na sala, seu irmão, bebendo uma lata de cerveja, ergueu a cabeça e murmurou:

— Ué, já voltou?

— Não fui ainda — respondeu ela. — Não sei onde Sammy está. Podia ficar de olho nele enquanto vou e volto?

— Claro — disse Ragle.

Mas o rosto dele mostrava uma tal exaustão que ela imediatamente desistiu de sair. Os olhos dele, vermelhos e inchados, fixaram-se nela com um apelo irresistível. Ele havia tirado a gravata e arregaçado as mangas da camisa, e ao beber a cerveja seu braço tremia. Espalhados em volta dele e de toda a sala, os papéis do seu trabalho formavam um círculo do qual ele era o centro. Ele não podia sequer sair dali. Estava ilhado.

— Lembre-se, tenho que levar isso ao correio e enviar registrado até as seis — disse ele.

À sua frente, as pastas dos arquivos formavam uma pilha torta, desarrumada. Ele vinha reunindo aquele material havia anos. Livros de referência, tabelas, gráficos, todas as correspondências que ele enviara para o concurso até então, mês após mês... De diferentes maneiras, ele dera um jeito de compactar todas as suas colaborações para poder examiná-las. No momento, estava usando o que ele chamava de método de

examinar os gráficos em “sequência”: isso exigia cópias do gráfico em papel opaco, nos quais o lugar assinalado permitia a entrada de luz através de um ponto perfurado. Ao folhear aquilo velozmente com o polegar, ele podia ver o ponto em movimento. O ponto de luz pulava para lá e para cá, para cima e para baixo, e aos olhos dele esse movimento criava um padrão. Para ela, não havia padrão algum naquilo. Mas era justamente por isso que ele era capaz de acertar. Ela tinha mandado colaborações para o concurso algumas vezes e nunca acertara.

— Já está muito adiantado? — perguntou ela.

Ragle disse:

— Bem, já o localizei no tempo. Quatro horas da tarde. Agora, só resta... — ele fez uma careta — ... localizar no espaço.

Pregado no mural de compensado na parede estava o concurso daquele dia, na forma oficial fornecida pelo jornal. Centenas de pequenos quadradinhos, cada um deles numerado de acordo com sua posição na horizontal e na vertical. Ragle tinha marcado a coluna vertical, o elemento tempo. Era a coluna 344, ela viu o alfinete vermelho cravado naquele ponto. Mas o *lugar*. Isso era mais difícil, aparentemente.

— Largue isso por alguns dias — disse ela. — Descanse. Você está trabalhando demais nisso nos últimos meses.

— Se eu largar — disse Ragle, rabiscando alguma coisa com a esferográfica — vou recuar uma porção de posições. Vou perder... — Ele encolheu os ombros. — Vou perder tudo que ganhei desde 15 de janeiro. — Usando uma régua de cálculo, ele traçou a junção de duas linhas.

Cada resposta que ele enviava ao concurso tornava-se um dado a mais nos seus arquivos. Desse modo, explicava ele, suas chances de estar correto iam aumentando com o passar do tempo. Quanto mais elementos ele tinha para calcular, mais fácil isso se tornava. Mas para Margo parecia o contrário, como se ele estivesse tendo cada vez mais dificuldade.

“Por quê?”, perguntara ela um dia. “Porque não posso me dar o luxo de errar,” respondeu ele. “Quanto mais vezes eu acerto, maior o meu investimento.” E o concurso não acabava. Talvez ele já tivesse perdido a conta do seu investimento, do lucro acumulado de todos os seus acertos. Ele sempre acertava. Era um talento que tinha, e ele sabia utilizá-lo. Mas era ao mesmo tempo um fardo desgastante, essa tarefa diária que tinha começado apenas como uma brincadeira, ou, na melhor das hipóteses, como uma maneira de ganhar uns poucos dólares quando acertava um palpite. E agora ele não conseguia parar.

Acho que esse é o objetivo deles, pensou ela. Fazem você se envolver, e talvez você nunca viva o bastante para receber o prêmio. Mas ele recebia: o *Gazette* pagava regularmente pelas suas respostas corretas. Ela não sabia o montante exato, mas aparentemente era na faixa de uns cem dólares por semana. De todo modo, pagava as contas. Mas ele trabalhava tanto — ou até mais — quanto se tivesse um trabalho comum. Das oito da manhã, quando o jornal era jogado na varanda, até as nove ou dez da noite. A pesquisa constante. O refinamento dos métodos. E, acima de tudo, o medo constante de cometer um erro. De mandar uma resposta errada e ser desclassificado.

Mais cedo ou mais tarde, os dois sabiam, ia acabar acontecendo.

— Quer que eu traga um café? — perguntou Margo. — Posso fazer um sanduíche, alguma coisa assim, antes de sair. Sei que você não almoçou.

Ele assentiu, preocupado.

Pousando o casaco e a bolsa, ela foi para a cozinha e procurou na geladeira alguma coisa que pudesse preparar para ele. Enquanto trazia os pratos para a mesa, a porta dos fundos foi escancarada e Sammy entrou com um cachorro da vizinhança, ambos desgrenhados e sem fôlego.

— Ouviu a geladeira abrindo, não foi? — perguntou ela.

— Estou morrendo de fome — arquejou Sammy. — Posso comer um dos hambúrgueres congelados? Não precisa fritar, eu como assim mesmo. Prefiro assim porque dura mais.

Ela disse:

— Vá direto para o carro. Assim que eu preparar um sanduíche para o tio Ragle, vamos pegar seu pai lá no mercado. E leve esse cachorro lá para fora, ele não mora aqui.

— Está bem — disse Sammy. — Acho que posso comer alguma coisa no mercado. — A porta bateu com força depois que ele saiu com o cão.

— Já encontrei o Sammy — disse ela a Ragle, ao levar um sanduíche e um copo de suco de maçã. — Não precisa se preocupar com o que ele está fazendo. Ele vai comigo até o centro.

Aceitando o sanduíche, Ragle disse:

— Sabe, talvez eu estivesse melhor se me dedicasse a apostar nas corridas de cavalos.

Ela riu alto.

— Você não ia ganhar era nada.

— Pode ser.

Ele começou a comer, pensativo. Mas não tocou no suco: preferiu a cerveja morna da lata que estava segurando havia mais de uma hora. Como é que ele pode fazer todos aqueles cálculos matemáticos intrincados e beber cerveja morna?, pensou Margo, enquanto pegava de novo o casaco e a bolsa e saía às pressas na direção do carro. Isso devia atrapalhar o pensamento. Mas ele está acostumado. No serviço militar ele adquiriu o hábito de beber cerveja morna dia sim, dia não. Durante dois anos ele e um colega serviram num pequeno atol do Pacífico, cuidando de uma estação meteorológica e de um transmissor de rádio.

O trânsito do fim da tarde, como sempre, estava intenso. Mas o Volkswagen conseguia se enfiar nas brechas e ela chegou a tempo. Os carros maiores e mais desajeitados pareciam atolados, como enormes tartarugas terrestres.

Foi o melhor investimento que já fizemos, pensou ela. Comprar um carro estrangeiro pequeno. E nunca vai ficar velho: aqueles alemães constroem as coisas com tanta precisão. Ele só tem um probleminha na embreagem, e com apenas vinte e quatro mil quilômetros rodados... mas nada é perfeito. No mundo inteiro. Certamente não em nossa época, com bombas H e a Rússia e a alta dos preços.

Com a cara na janela, Sammy disse:

— Por que não podemos ter um daqueles Mercedes? Por que temos que andar num carrinho pequeno que parece um besouro? — O desdém dele era evidente.

Sentindo-se ofendida — seu próprio filho, um traidor dentro de casa! — ela disse:

— Escute, rapazinho: você não entende absolutamente nada de carros. Não é você que tem de pagar as prestações, dirigir no meio desse maldito trânsito ou lavar o carro. Guarde suas opiniões para você mesmo.

Carrancudo, Sammy disse:

— Parece um carro de brinquedo.

— Diga isso ao seu pai. Quando chegarmos na loja.

— Eu tenho medo — respondeu Sammy.

Ela virou à esquerda no meio do trânsito, esquecendo de dar seta, e um ônibus buzinou atrás dela. Malditos ônibus enormes, pensou ela. Lá na frente avistou a entrada do estacionamento do mercado, engatou a segunda e cruzou a calçada, passando por baixo do enorme letreiro em néon que dizia: SUPERMERCADO LUCKY PENNY.

— Chegamos — disse ela a Sammy. — Espero não termos nos desencontrado.

— Vamos entrar — exclamou Sammy.

— Não. A gente espera aqui.

Esperaram. Dentro da loja, os caixas iam despachando uma longa fila heterogênea de clientes, a maioria empurrando os carrinhos de grades finas de metal inoxidável. As portas

automáticas se abriam e depois se fechavam, abriam e fechavam. No estacionamento, davam partida nos carros.

Um sedã Tucker vermelho, maravilhoso, passou devagar ao lado deles. Ela e Sammy ficaram admirando-o.

— Que inveja dessa mulher — murmurou ela. O Tucker era uma opção de carro tão radical quanto o vw, mas muito mais estiloso. Claro que era grande demais, não era um carro prático. Mas mesmo assim...

Talvez no ano que vem, pensou ela. Quando chegar a hora de trocar este aqui. Mas ninguém troca um vw, você fica com um desses para sempre.

Pelo menos os vw podem ser incluídos numa transação. Podemos comprar um carro sem prejuízo. Na rua, o Tucker vermelho entrou suavemente no fluxo do tráfego.

— Uau! — disse Sammy.

Ela não disse nada.

2

Às sete e meia daquela noite, Ragle Gumm deu uma olhada pela janela da sala e avistou os vizinhos, os Black, se aproximando pela calçada escura, obviamente com a intenção de fazer uma visita. Uma silhueta provocada pela luz do poste atrás deles indicava um objeto na mão de Junie Black, uma caixa ou pacote. Ele resmungou.

— O que foi? — perguntou Margo. Do lado oposto da sala, ela e Vic assistiam ao programa de Sid Caesar na TV.

— Visitas — disse Ragle, ficando de pé. Nesse instante a campainha da porta tocou. — Nossos vizinhos — completou. — Acho que não dá para fingir que não estamos em casa.

Vic disse:

— Talvez eles vão embora quando virem que a TV está ligada.

Os Black, ansiosos para subir mais um degrau na escala social, fingiam ter desprezo por televisão e por qualquer coisa que aparecesse na tela, desde números de palhaços até a Ópera de Viena apresentando o *Fidelio* de Beethoven. Vic chegara a dizer que, se a Segunda Vinda de Cristo fosse anunciada pela TV, os Black não fariam a menor questão de assistir. E Ragle respondeu a isso dizendo que, quando a Terceira Guerra Mundial estourasse e as bombas H comessem a cair, o primeiro aviso viria através do sinal do Conelrad via TV, e os